

Propriedade de um corpo resistente contra a ação de outro corpo
capacidade de se reconhecer facilmente
ou se adaptar a uma sorte ou a mudanças.
maneira de se redimir, subsistir, sobreviver.

Paisagens pedagógicas Digitais: resistência, resiliência, (re)existência.

Dra. Fernanda Pereira da Cunha
Professora Associada EMAC/UFG

A experiência educativa em Paulo Freire está dotada de significados, repleta de concepção crítica e reflexiva no mundo e para o mundo. Ele se apoia no bom senso para entender a força da palavra, os sentidos e as ações de reflexão - se distanciam do mero "fazer por fazer", automatizado e sem o olhar crítico próprio do ser humano

(...) transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.

Educar é substancialmente formar.

Paulo Freire

Objetivo da reflexão auto cartográfica

O tema deste evento me levou a uma intensa imersão reflexiva auto cartográfica, com fortes questões existenciais. (Re)Visito gestos do [meu] cotidiano, que persistem: (u)tópicos designios. Resistentes traços desenham ações que se embrenham na costura da Bandeira. Eu sou [a] Bandeira. Gestos resilientes pulsam (re)existências. Resistir para [re]existir. Pode a Bandeira silenciar? Batalhas. Caminhadas. Voos. Travessias por entre campos alheios. Frentes abrem outras frentes.

Justificativa do trabalho estético / pedagógico no espaço cyber / arte libertária

Circunscreve-se a estética da [minha] resistência, resiliência, (re)existência pedagógica, especificamente o universo utópico de ações cirberpedagógicas como gesto de (Re)Existência do ensino da CiberArte libertária - para que a pessoa seja capaz de se expressar com autogovernança. Este processo humano/crítico/inventivo deve atender à força motriz de seus desejos expressivos, que podem estar alicerçados na generosidade, solidariedade. A inclusão digital pode e deve ser uma instância e-arte/educativa, que promova a descoberta do que há de mais humano no ser humano. A Arte, através do Movimento de Arte para a Reconstrução Social, tem apresentado sua relevância para a vida das pessoas. Como adverte Ana Mae Barbosa:

A importância da arte enquanto conhecimento auto reflexivo e crítico social

no Brasil, todas as Organizações Não-Governamentais (ONGs) que têm obtido sucesso na ação com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade estão trabalhando com Arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano (BARBOSA, 2008b, p. 1).

O ensino da Arte não pode ser negligenciado. A expressão humana é uma necessidade inerente a pessoa. Sem a capacidade plena de expressar-se compreendo um homem e/ou uma mulher deficiente. Este texto se insere em reflexões pedagógicas acerca de expressões CiberArtísticas no campo entre o que a realidade e a ficção pode criar. Eis que se instaura o embate e por assim dizer, o conflito. Ambiente de atrito. A bandeira.

A arte enquanto expressão da criatividade e capacidade dos seres humanos.

(Re)Existir clama pela resiliência à resistência. A Arte nos demonstra esta natureza. Chamo pela artista Chantal DuPont.

Chantal DuPont¹, nascida (1942) em Montreal foi professora em Artes Visuais e de Mídias da Universidade de Quebec em Montreal por 23 anos (1985 a 2008), possui obras videográficas reconhecidas internacionalmente com múltiplas narrativas sobre o que se pode gerar entre a realidade e a ficção liderada pelo digital. As obras videográficas de DuPont desde 1996 possuem temas sobre a identidade familiar e cultural, sobre a vulnerabilidade do corpo, sobre a memória, em que a auto-representação é constante em sua obra, como a obra intitulada *Health body Science in art*. A obra *Health body Science in art* nos apresenta as relações (re)existencialistas da vida pela arte ao expressar o período em que DuPont teve câncer e passou pelo problema da queda de seu cabelo com o tratamento quimioterápico.

Os aspectos socioculturais são, portanto, de suma importância para este estudo, porque visamos a uma proposição e-arte/educativa da sociedade em rede, tendo como objetivo a promoção da educação cultural, por se acreditar no poder libertador da identidade, repudiando a padronização dos seres humanos. A CiberExpressão torna-se essencial à Arte e seu ensino ao buscar tornar as cibervidas mais humanas, dada a natureza epistemológica da apreciação estético-digital se configura de fato num processo interacionista tecnohumano, uma vez que a integração dos meios de comunicação presentes na sociedade em rede se apresenta com a interconexão entre o discurso textual, oral e audiovisual, perfazendo fortes mudanças paradigmáticas no espírito humano, que "reúne suas dimensões em uma nova interação entre os dois lados do cérebro, máquinas e contextos sociais" (CASTELLS, 1999, p. 354).

A interação crescente entre mentes e máquinas, inclusive a máquina de DNA, está anulando o que Bruce Mazlish chama de a "quarta descontinuidade" (aquela entre seres humanos e máquinas), "alterando fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos" (CASTELLS, 1999, p. 52). Compõem-se, então, novas formas de relações, bem como um novo estado da mente – a metalinguagem, a qual está proporcionando a infra-estrutura mental para a comunicação integrada em um tempo escolhido (real ou atrasado), constituindo, assim, novo conceito de comunicação e, portanto, de cultura da humanidade.

O ciberespaço deve ser um sistema marcado pela identidade, em que as partes formam um todo não homogeneizado, multicultural, multidualogal, multidisciplinar e assimétrico. Há que se estabelecer uma globalização (presente nas redes vivas como a Internet) ecológica/ética, para dinamizar a identidade pessoal pelo (re)conhecimento das diferenças por meio de uma interatividade crítico-autônoma. Não ocorrendo isto, poderá imperar uma ditadura globalizante, hegemônica, em que o capitalismo global, não centralizado, mas com poder vertical, manipulador, acentua o analfabetismo e a homogeneização do

¹ Para conferir mais dados biográficos sobre Chantal DuPont acesse <http://chantal-dupont.ca/bio/> (acessado em 05/04/2018)

Chantal DuPont e as narrativas das memórias e histórias de vida por meio de representações manufestadas no mundo digital. A ciber/expressão como novo paradigma textual, oral e visual.

A importância da abordagem cultural no espaço e-arte/educativo da sociedade em rede

Proposta de ensino: O ciberespaço como forma multicultural, multidualogal, multidisciplinar e assimétrica

pensamento humano. Há que escolher entre a globalização democrática (horizontal) e a arbitrária (vertical).

É imprescindível resgatar o que é técnica por meio de seus valores culturais, tanto nos aspectos procedimentais como nos instrumentais, expressos no momento histórico em que está inserida. A técnica, "eu e os outros eus", em incessantes operações de ressignificar o humano, me remetem a um embate contínuo epistêmico em minha ação como professora que utiliza estes meios para dar voz a metalinguagem presente na cultura digital. Analisar a técnica por si mesma pode nos levar a um reducionismo ou desconhecimento de seu uso/ideia, enveredando sua utilização por rumo acrítico, reduzindo-a ao tecnicismo, ou seja, a técnica como um fim e não como um procedimento - ato técnico-criador: de (re)existência em seu contexto mais profundo da expressão humana.

Não podemos, portanto, compreender o que é técnica se nos afastarmos do contexto social em que está inserida, pois este ambiente é o elemento determinante de seu conceito e aplicação. Ademais, a técnica também se ressignifica em si mesma. Embora relacionada à estabilidade e a seus estágios evolutivos, também interage com as inovações tecnológicas, preservando procedimentos antiquíssimos e outros decorrentes de descobertas tecnológicas recentes. Nasce, envelhece e morre, será que podemos citar Nietzsche e exclamar: "Humano, demasiadamente humano!!!"

No âmbito da pesquisa científica sistematizada, o ato de atribuir significado é que é tecnologia, pois o contexto é que fundamenta - funda, determina - a tecnologia. Há, portanto, distinção entre técnica e tecnologia. Tecnologia é a acoplação da função social à técnica. Entretanto, estes aspectos técnicos mutáveis - continuamente em desenvolvimento e adaptáveis às necessidades do ser humano, que estão intimamente ligados a um estudo dirigido, sistematizado, que se denomina tecnologia - podem ser utilizados como armadilha para atender aos interesses econômicos presentes no capitalismo, ao agregar produção tecnológica com vistas ao consumo.

Este apoderamento tecnológico no sistema capitalista nos leva a questionar se há fábricas de felicidade onipresentes entre nós que nos induzem ao consumo acrítico, mecânico, padronizado, como uma tecnologização ubíqua de nossos sonhos capturados (mas que, na verdade, são condicionados, impostos, introjetados). A vida humana, sabemos, não é somente a interação com a matéria, mas também o embate do homem com sua própria alma. Para a indústria ideológica massiva, é essencial capturar a alma humana para disseminar o consumismo em larga escala. Isto faz dela um importante veículo/instrumento utilizado no capitalismo para a ditadura de valores.

Na nossa labuta como educadores, artistas e professores de arte, não queremos formar pessoas em série, acríticas e com seus desejos colonizados pelo imperialismo vertical globalizante. Tenho como premissa pulsante e indócil uma CiberArte/Educação que promova a globalização horizontal - democrática - dialógica, multi/intercultural e por isto libertadora.

Mistério de vida por meio das redes sociais
metadialogia
espaguetes
o que é técnica por meio dos valores culturais expressos historicamente no meio em qual o indivíduo está inserido

Problemática
Qual o sentido da vida humana?

Proposta da autora
Promover a CiberArte!

Educação de forma globalizada, horizontal, democrática, dialógica e multi/intercultural.
CiberArte / Educação

AUTONOMA / LIBERTADORA

Relevância?
Romper com a indústria cultural e os meios de comunicação de massa enquanto meios alienantes

A educação uniformizada exclui as diferenças, massificando os valores e desejos humanos. Diante disso, é de extrema relevância que os governantes de nosso país, bem como os dirigentes educacionais, postulem uma política responsável e comprometida com a utilização das TIs, com vistas aos seus impactos socioculturais. Isto porque, apesar do destaque internacional do Brasil no cenário dos usuários de Internet, o perfil do internauta brasileiro ainda é marcado pela classe mais favorecida.

Faz-se necessário eliminar as diferenças educacionais sectárias, de forma a disponibilizar uma educação digital que promova pessoas capazes de gerar, de criar, de elaborar digitalmente, com base na ética e na liberdade, postulando o direito de expressão, sem distinção. Neste sentido, a arte digital, pela sua natureza epistemológica, deve estar presente e ser obrigatória, como tantas outras disciplinas, nos currículos escolares, da educação infantil ao ensino superior, para enaltecer o que há de mais humano no ser humano, além de possibilitar uma educação libertariamente crítico-autônoma.

O exercício cívico e acadêmico de questionarmos mais criticamente como as tecnologias digitais, seus inputs e outputs podem ser utilizados no processo de ensino/aprendizagem. Estes instrumentos podem colaborar no desenvolvimento do pensamento autônomo da pessoa humana? A inclusão digital entra nas escolas para inserir ou potencializar que tipos de saberes? Ou que tipos de conhecimentos podem ser intrínsecos às mídias digitais, os quais possam vir a colaborar com a formação humana? Sabe-se, de antemão, que as propostas de inclusão digital devem ser fundamentalmente educativas, porque só a educação insere a pessoa plenamente no mundo.

A presença da educação intermediática digital crítica nos programas educacionais, objetivando desenvolver e-arte/educativamente o cidadão e a cidadã, tornando-os capazes de se expressarem com fluência crítica e autônoma, por meio de suas produções. Este processo humano/crítico/inventivo em prol da expressão artística crítica seria Utopia? Quixotismos? Pode ser. Mas será que apenas o acesso à informação é suficiente? A terminologia info-inclusão é suficiente? Na verdade, a pessoa alfabetizada digitalmente tem de ser capaz de decodificar e interpretar o mundo que a cerca crítica e autonomamente.

Como seria a qualidade estética da (re)existência da vida sem Arte?

Quais as paisagens digitais que se ascendem na estética da (re)existência da cibervida de nossos alunos e alunas sem o desenvolvimento de suas capacidades de CiberExpressivas?

Como promover ações pedagógicas CiberArte/Educativa crítica em prol do desenvolvimento da expressão autônoma, autogovernativa na promoção do processo de ensino/aprendizagem em nossos alunos e alunas?

Surge outra questão: Quais as Bandeiras de meus alunos do curso de especialização em Arte/Educação Intermediática Digital, que em sua grande maioria são professores e professoras da educação básica?

Relevância
teórica de
e-arte/Eds
e-arte/Eds
quanto
discipli-
na nos
currículos
escolares
desde a
Educação
Infantil
ao Ensino
Superior

Proble-
matiza-
ção

A alfabeti-
zação
digital
envolve
a forma-
ção crítica
do
sujeito
social

Qual a
minha
bandeira?

Qual o meu
objeto/objetivo/
proposta de trabalho
auto reflexivo de estudo?

Este ensaio é convite para imersão de análise reflexiva para a disciplina intitulada *As performances e-Arte/Educativas nas Instituições de Ensino* do curso de especialização em Arte/Educação Intermediática Digital na modalidade EAD da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG), em que meus alunos e alunas deverão expressar suas Bandeiras ao realizar a produção de paisagens pedagógicas digitais dispostas nos registros audiovisuais de seus depoimentos autocartográficos.

Expressar qual a minha
bandeira, ou seja qual a
minha proposta de trabalho auto
reflexiva em um depoimento
autocartográfico.